

Seleções

do Reader's Digest

Condensações de artigos de interesse permanente

CEDI - P. I. B.
DATA 09/09/86
COD. YA/D104

Grupos tribais: seres humanos em vias de extinção

Vários povos primitivos estão enfrentando implacável assalto a suas terras e seus costumes.

ELES já foram os senhores do mundo, mas hoje os guerreiros, caçadores e pescadores destas últimas tribos da Terra são em geral suas vítimas dele.

Nos campos de refugiados das Nações Unidas, na Somália, os outrora orgulhosos pastores nômades esperam com indiferença as suas tigelas de sopa de aveia.

Nos postos de assistência do interior das florestas pluviais do Brasil, os índios tiritam e morrem devido a uma doença infantil, o sarampo, que as novas auto-estradas trouxeram até as suas aldeias.

Nas Filipinas, as tribos montanhosas lutam contra os planos de um complexo de represas hidrelétricas que inundaria os seus arrozais

ali existentes há vários séculos.

Nas florestas envoltas em nevoeiro do noroeste da Colômbia, os índios Katia, subalimentados e vítimas da tuberculose, agarram-se à mina de ouro da sua reserva, que constitui a sua principal fonte de receita. Foram mortas cinco crianças Katia quando, em 1980, alguns brancos ricos e munidos de documentos legais (e policiais com granadas de gás lacrimogêneo) tentaram apoderar-se dessa mina.

Na maior parte dos países do Terceiro Mundo, e muitas vezes também em nações industrializadas, os povos tribais são vítimas de um assalto implacável: constituem uma minoria mal armada e geralmente não têm direitos de propriedade ou *status* de cidadania. Numa era sedenta de novas fontes de energia, de recursos minerais e agrícolas, a sua liberdade de vaguear em espaços não explorados está ameaçada. Face ao assalto violento da civilização, eles não encontraram lugar para onde se retirar ou onde se esconder. A alternativa que lhes resta, uma assimilação forçada no mundo moderno, constitui em si uma ameaça de extinção cultural, ou mesmo física, em casos extremos.

Calcula-se em 200 milhões a população indígena que está agora enfrentando o «progresso» e ela constitui uma das minorias mais ameaçadas do mundo. A mudança é, evidentemente, inevitável, mas não justifica as formas mais aviltantes de exploração que muitas vezes acompanham a civilização.

Tanto os governos capitalistas como os comunistas têm prioridades mais urgentes do que proteger os grupos tribais, que praticamente em todo o mundo estão à margem do sistema político. Apenas fiéis a si próprios, sem se importarem com as leis nacionais ou com as fronteiras, eles podem ser considerados como um problema de segurança: por exemplo, o caso da fronteira sino-soviética. Para muitos governos, a assimilação forçada tem os seus atrativos. Alguns povos tribais até concordam nisso. No interior africano, onde as crianças vítimas da fome têm os ventres inchados da subalimentação aguda, não há tempo para debater problemas políticos ou econômicos. Magorisa Ngweya, uma mulher da tribo Batonga, diz: «Cada ano que passa é de luta pela sobrevivência.»

Os conservacionistas parecem preocupar-se mais com a fauna e a flora do que com os seres humanos em perigo. «É quase inevitável que pelo ano 2000 só sobrevivam algumas tribos amazônicas», afirma o antropólogo francês Jean-Patrick Razon. «Estamos assistindo a um etnocídio.» No entanto, esta provável extinção de indígenas sul-americanos não tem o mesmo impacto emocional que o extermínio de focas-bebês à cacetada.

Entre todas as ameaças à sobrevivência tribal, a mais imediata é a doença contagiosa. De uma população calculada entre dois milhões e seis milhões, quando os navegadores chegaram ao Brasil em 1500, os



Os índios Yanonâmi na floresta amazônica brasileira

Índios estão reduzidos a pouco mais de 200 mil, devido às guerras, aos massacres e, sobretudo, às epidemias. Os que sobraram vivem em geral nas zonas abrangidas por planos para explorar os recursos do Amazonas. Durante anos, a técnica utilizada pelos especuladores imobiliários brasileiros consistiu em contaminá-los com roupas usadas por vítimas da varíola (essa técnica também foi utilizada pelos oficiais britânicos na guerra com os índios norte-americanos na década de 1760). Até mesmo as doenças aparentemente mais benignas, trazidas inadvertidamente pelo pessoal da

construção de estradas e colonos, podem ser devastadoras. «A maneira mais fácil de alguém se desembaraçar dos índios é espirrar», assegura Barbara Bentley, diretora do Survival International (SI) de Londres, um organismo de proteção.

Outra ameaça é a apropriação pura e simples das terras, e a fraude. Apoiados por generosos incentivos fiscais, os fazendeiros e madeireiros do estado de Mato Grosso e do território de Rondônia invadem regularmente as terras tradicionalmente índias – mas não sem terem primeiro recebido certificados da Fun-

dação Nacional do Índio (FUNAI) atestando que as terras estavam «desocupadas». Em toda a América Latina, as repartições governamentais encarregadas de proteger os direitos indígenas estão geralmente subordinadas aos ministérios do Interior e da Defesa, orientados, estes, para o desenvolvimento. A maior parte delas é alvo dos gracejos cáusticos dos indígenas. A FUNAI, que desde a sua fundação em 1968 se transformou num refúgio para militares aposentados, já foi chamada de «Funerária Nacional dos Índios».

Em 1978, ela reconheceu 21 pequenas áreas, bem separadas umas das outras, no norte da Amazônia, como sendo terra índia para nove mil Yanonâmi — um «arquipélago Yanonâmi», criticaram alguns. O resto da pátria tradicional desse estoque racial ficaria à disposição para projetos agrícolas e de mineração. Então, antropólogos e associações em prol dos índios começaram a forçar a criação de um parque vedado aos colonos portadores do progresso, que funcionasse como uma verdadeira pátria para os Yanonâmi, povo que até há pouco ainda vivia na Idade da Pedra. Em parte graças à força da opinião pública, a FUNAI declarou recentemente «zona interdita» uma grande área contínua (incluindo quase todas as 21 áreas índias) — só aberta aos Yanonâmi e ao governo federal; mas, como ainda não foi publicado nenhum decreto confirmando que estas terras são dos índios, o destino do «Parque Yanonâmi» é incerto.

O ritmo acelerado do desenvolvimento no Terceiro Mundo aumentou a ameaça aos povos primitivos. Na região da montanha Vermelha, no Panamá, o conglomerado Rio Tinto Zinc, com sede em Londres, associado a uma companhia de mineração do governo panamiano, propõe-se investir entre mil milhões e dois mil milhões de dólares na exploração da maior jazida de cobre do mundo. Centenas de índios Guaymi que vivem nessa região arriscam-se a perder a terra e a água com esse empreendimento (sem receberem nada em troca), e milhares de outros na área serão provavelmente afetados.

No Extremo-Oriente, montanhas das Filipinas, 100 mil agricultores das tribos Bontoc e Kalinga, cujos antepassados chegaram à região há milhares de anos, podem ver a maior parte das suas terras inundada por quatro represas enquadradas num projeto de mil milhões de dólares. Dezenas de projetos, da Nova Guiné à Guiana, estão na agenda dos planejadores de desenvolvimento, de corporações multinacionais e instituições internacionais de auxílio ao estrangeiro. Segundo Otto Kimminich, professor de direito na Universidade de Regensburg, na Alemanha Federal, o resultado é que «assistimos em todo o mundo à migração de tribos para fora do seu habitat natural, o que faz parecer as grandes migrações germânicas dos séculos IV, V e VI como coisa de pouca importância».

Na África, a maior ameaça é a

guerra. Na Uganda, bandoleiros armados, que pertenceram ao exército do deposto ditador Idi Amin, dizimaram quase por completo os rebanhos, já afetados pela seca, das tribos nômades do nordeste do país, impelindo populações inteiras para campos de refugiados. A guerra entre a Somália e a Etiópia sobre a região do Ogaden desenraizou centenas de milhares de outros indígenas bem mais para o sul, a guerrilha entre a SWAPO (South West Africa People's Organization) e as autoridades sul-africanas desenrola-se sobretudo no deserto do Kalahari, pátria de alguns dos últimos bosquímanos (os San). Empurrados na década de 1960 por rivais brancos e negros para «a grande terra da sede do Kalahari», só uma pequena parte do povo San continua praticando seus modos de vida ancestrais.

Nesse meio tempo, nas montanhas do Laos, na Ásia, soldados vietnamitas lançam ataques esporádicos contra os resignados montanheseiros locais; e no Afeganistão, centenas de milhares de tribais autóctones foram abatidos, morreram de fome ou viram-se escorraçados das suas terras em consequência da invasão soviética.

Mesmo quando as tribos sobrevivem a esses assaltos ferozes, a perda da pátria tradicional (e dos valores) pode causar um traumatismo psicológico fatal. «Temos tendência para considerar o realojamento de pessoas como uma simples nova arrumação num supermercado», afirma Martha Baker do



Criança Yanonâmi vítima de sarampo

escritório da SI em Washington. «Acho que não temos a noção de que a deslocação de populações indígenas causa a sua extinção.»

Uma vez afastada da sua terra, essa gente «perde os seus laços; a sua personalidade destrói-se», afirma o professor Kimminich. Das ruas de Portugal Velho, na Amazônia brasileira, às favelas aborígenes da orla de Alice Springs, na Austrália, as imagens de alcoolismo e miséria são desoladoramente semelhantes. Reduzidos aos serviços domésticos, à mendicância ou à prostituição, muitos concentram-se simplesmente nos arredores das povoações mais desenvolvidas. «Eles têm vergonha», diz um padre italiano no Brasil. «Eles sabem que são índios, mas o desespero leva-os a negá-lo. Essa é a maior tragédia.»

Tentar passar despercebido é uma reação compreensível à forte discriminação. Inicialmente temidos e respeitados como guerreiros

implacáveis, chegam a ser considerados hoje como uma espécie de escória humana que deve ser eliminada na grande marcha do progresso nacional. Na América do Sul, alguns colonos têm defendido a prática de bombardeios, execuções e mesmo dinamitagens de populações índias, alegando que os índios não são seres humanos.

Até os esforços bem intencionados podem apressar a desmoralização. Os missionários têm sido acusados de destruir as religiões indígenas e de ajudar a transformar as tribos em grupos passivos e letárgicos, prontos a serem explorados pelos promotores que se apropriam das terras. Em sua defesa, os missionários alegam que são eles muitas vezes os primeiros que trazem medicamentos modernos e educação; que o seu trabalho permite às populações enfrentar o desafio das sociedades vizinhas e ajuda a criar uma ponte entre as culturas.

Além das questões morais e legais, os defensores dos povos tribais insistem no fato de que estas sociedades têm muito a dar ao mundo moderno — desde elementos sobre a origem da espécie até o conhecimento da vida silvícola local e plantas medicinais, sem falar na adequação entre o homem e o seu meio ambiente. O desaparecimento de uma tribo índia, segundo Barbara

Bentley, é «como a destruição de uma biblioteca de informações. Uma variedade de culturas enriquece-nos a todos. Se eliminamos estes povos, estamos destruindo uma parte de nós próprios.»

Até há bem poucos anos um futuro sombrio parecia inevitável. Agora há alguns indícios promissores que levam a crer que as tribos sejam capazes de ultrapassar algumas das piores ameaças à sua sobrevivência. Uma das mudanças tem sido o incremento dos contatos e da colaboração entre as próprias tribos. Inspirados no movimento de direitos civis dos Estados Unidos, os índios canadenses e norte-americanos têm criado organizações nacionais para exigir decisões jurídicas. Conseguiram compromissos sobre planos de desenvolvimento e indenizações substanciais para prejuízos passados.

As populações tribais sabem que precisam mudar para sobreviver. Aquilo de que mais necessitam é talvez simplesmente tempo para se adaptarem. «Seria utópico pensar que podemos criar áreas intatas», crê Bentley. «Não estamos dizendo aos governos: 'Não progridam!' Pedimos simplesmente que eles reconheçam as perturbações que provocam e que incluam os povos indígenas nas discussões de planejamento.»

NÃO cabe aos jovens compreender-nos; cabe a nós compreendê-los. Afinal, eles não podem colocar-se em nossos lugares, enquanto nós já estivemos no lugar deles.

— André Marcel, em *La Suisse*, Genebra